

**UNIVERSIDADE DO MINHO**  
**- Mestrados em Ensino 2013/2014 -**

**Prova Escrita de Língua Portuguesa**

**2ª CHAMADA**

**07 de outubro de 2013**

**Duração: 90 minutos**

**Tolerância: 15 minutos**

**Leia com atenção todas as questões antes de responder.**

**Parte I**

Texto

Funchal, 19 de março de 1869.

Meu Custódio Passos,

Estou finalmente na Madeira e arrependido de ter gasto, quase inutilmente, um mês em Lisboa.

A viagem foi excelente na opinião de todos quantos vinham a bordo; ao que eu somente observo: - «Que faria se fosse má!!» - Decididamente o mar não é o meu elemento; perdoem-me os navegadores, nossos avós. O surpreendente e tão gabado espetáculo, que se goza do convés de um navio, quando nada mais se avista além do céu e mar, achei-o monótono. O mar parecia-me até menos majestoso e o horizonte mais limitado do que quando os observo das praias, o que julgo explicável por uma lei ótica. É verdade que eu trazia a cabeça atordoada, e ia de mau humor, e só por um esforço de filosófica curiosidade é que pude erguer-me por um momento do beliche para contemplar o padre Oceano.

Quando no dia seguinte repetia o esforço, figurava-se-me estar ainda no mesmo sítio da véspera, o que me fazia o efeito de um longo diálogo no teatro, que nos obriga a dizer muito baixo para o nosso vizinho: «não é feio, mas já era bom que acabasse».

Graças a esta indisposição de ânimo com que ia contra o líquido elemento, foi com verdadeiro prazer que, na manhã do dia 8, me achei à vista da formosíssima ilha da Madeira.

Sossega, não tenho a presunção de te descrever a ilha, que já é como Paris, uma coisa que se não descreve. Deixa-me porém dizer-te que o campo não me faz esquecer o Minho ainda.

A vegetação não é aqui mais abundante; o que é, é mais variada porque reúne a flora dos climas quentes. Isto é o que lhe dá um aspeto novo para nós e que me agrada imenso. As casas de campo, num gosto inglês, com os mais bonitos jardins que eu tenho visto, descobrindo-se por entre plantações da cana e adornadas por altas palmeiras, bananeiras e outras árvores tropicais, são de um efeito surpreendente.

Para viver bem na Madeira é preciso viver num desses *cottages*, porque a cidade é feiíssima.

Há dias estive numa dessas pequenas quintas, a melhor das imediações.

Pertence a um inglês chamado Dario, que tem a coragem de viver em Málaga.

Não ta sei descrever. Só te digo que, ao sair de lá, parecia-me que acordava de um sonho.

Como, bebo e, se ainda não estou livre da tosse, sinto-me mais forte e bem disposto. Nos dois meses que tenho ainda para me demorar aqui, espero restabelecer-me.

O que eu desejava era voltar para o inverno, mas alugando uma dessas casas de campo que por aí vejo. Dizem-me que a coisa é muito realizável, porque a vida aqui é barata; e, sobretudo, se duas pessoas viverem juntas, mais suave lhes fica.

Vê portanto se te vais resolvendo, porque nesse caso volto decididamente.

Ainda não vi o barão, que sei que, para maio, vai para Portugal, tendo eu assim o gosto de o ter por companheiro de viagem. A estação está ainda pouco adiantada para permitir passeios ao sertão, por isso ainda não vi o interior da ilha.

Nada ainda pude obter para o [Eugénio] Luso em resultado disso. Além de que a Madeira está tão explorada, que se me metesse a arranjar alguma coisa, arriscava-me a ir carregado de muitas ninharias.

O Dr. Lowe e sua esposa por aqui andam. É a mais perfeita caricatura inglesa que tenho visto, este erudito par. A mulher sobretudo é indescritível.

Qualquer dia vou ver o grande *til* de que me falaste. Dizem-me que, a catorze léguas da cidade, há árvores que se julgam do tempo do descobrimento da Madeira e que, em certos vales, têm aparecido troncos carbonizados do incêndio dessa época. Desejava muito ver isso, mas a viagem não é cómoda, ainda que se vá de rede, que é aqui o meio de transporte usual.

Adeus. Recomenda-me ao Luso, Silva e Albuquerque e não te esqueças de me escrever no pacote de 5 ou de 15 pelo menos.

Manda-me notícias de teu pai.

Teu do coração,  
J. G. Gomes Coelho

(Júlio Dinis, *Cartas e Esboços Literários*,  
texto adaptado, 1961)

Depois de ler atentamente este texto carta de Júlio Dinis, pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho ao seu amigo Custódio Passos, responda às questões que se seguem, de acordo com as orientações que lhe são dadas. Use a folha de respostas.

1. Sugira um título adequado ao texto carta que acabou de ler.
2. Apresente três razões que poderão ter motivado a viagem de Joaquim Guilherme Gomes Coelho à ilha madeirense. Justifique a sua escolha apoiando-se no texto.
3. Descreva, em pormenor, com base no texto, a ilha da Madeira.
4. Nas linhas 16-17, é afirmado «não tenho a presunção de te descrever a ilha, que já é como Paris, uma coisa que se não descreve. Deixa-me porém dizer-te que o campo não me faz esquecer o Minho ainda.» Esclareça, do seu ponto de vista, o sentido destas palavras.
5. Várias são as figuras mencionadas ao longo do texto. Refira duas dessas figuras, caracterizando-as. Justifique a sua escolha apoiando-se no texto.
6. Imagine que outros temas, originais, poderiam ter preenchido o teor da carta. Não ultrapasse as 15 (quinze) linhas.

## Parte II

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 20 (vinte) e um máximo de 50 (cinquenta) linhas, apresente uma reflexão sobre o tema que é referido no excerto a seguir transcrito. Para fundamentar o seu ponto de vista, recorra, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo.

**«Recordar não é só privilégio dos velhos. Lembrar é ainda na vida o único lenitivo. (...)**

**Com a memória vive-se, com a fantasia sonha-se. Mas vive-se deliciosamente e sonha-se um sonho ainda mais delicioso. (...)**

**Os velhos livros, com suas páginas amarelentas e os seus grossos caracteres, dizem-me não sei quantas saudades inolvidadas. Assim compreendo a paixão dos bibliófilos avaros, dos numismatas soberbos, de todos os colecionadores e de todos que, estranhos ao seu Hoje, ou chocados pela brutalidade dele, se evadem da realidade pela porta do sonho e se deitam a correr atrás da fantasia.**

**Os velhos livros contam histórias encantadas e escândalos sem par; sabem coisas que são o encanto dos velhos e o deslumbramento dos novos. Oh! Se vós soubésseis o que anda nos velhos livros?!...»**

Albino Forjaz de Sampaio, «O Passado» (excerto adaptado),  
*Crónicas Imorais*, 1935, pp. 217-219

## Cotação

Parte I \_\_\_\_\_ 10 valores

Parte II \_\_\_\_\_ 10 valores